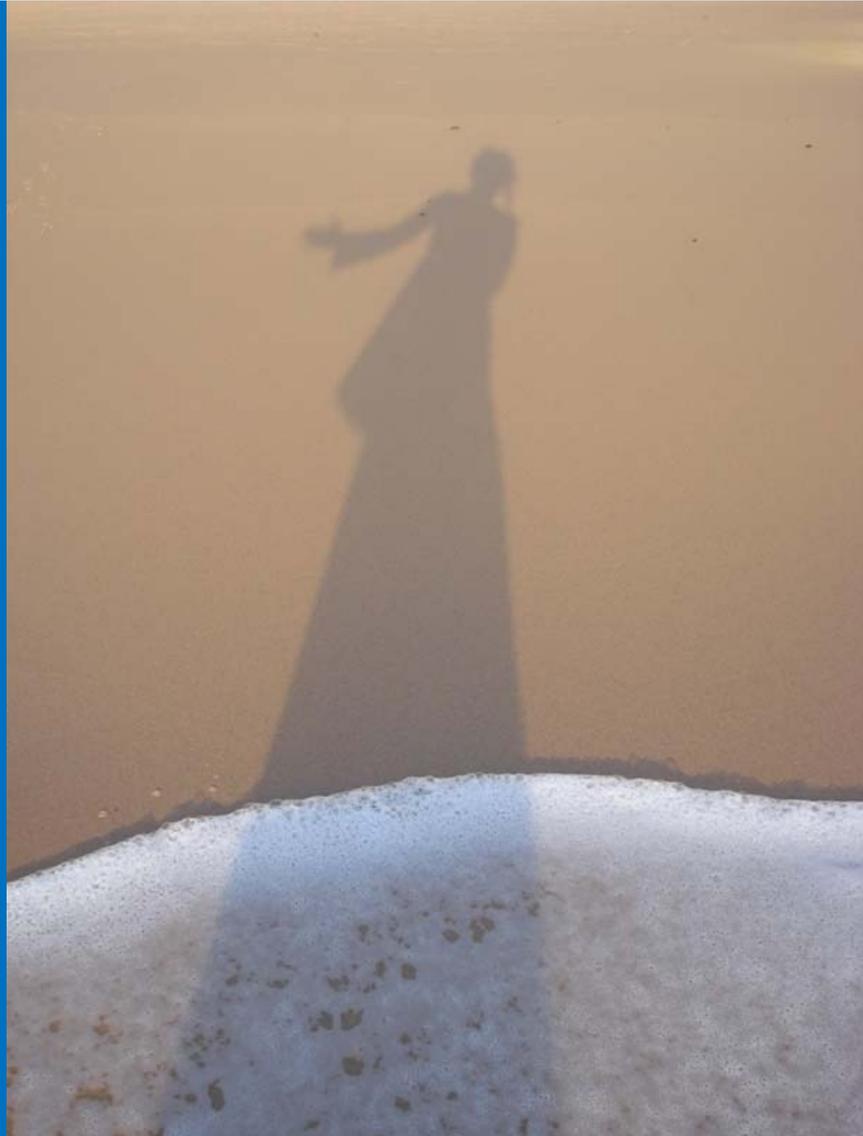


Humana Transparência



Filipa Azul

Poemas e Fotografias

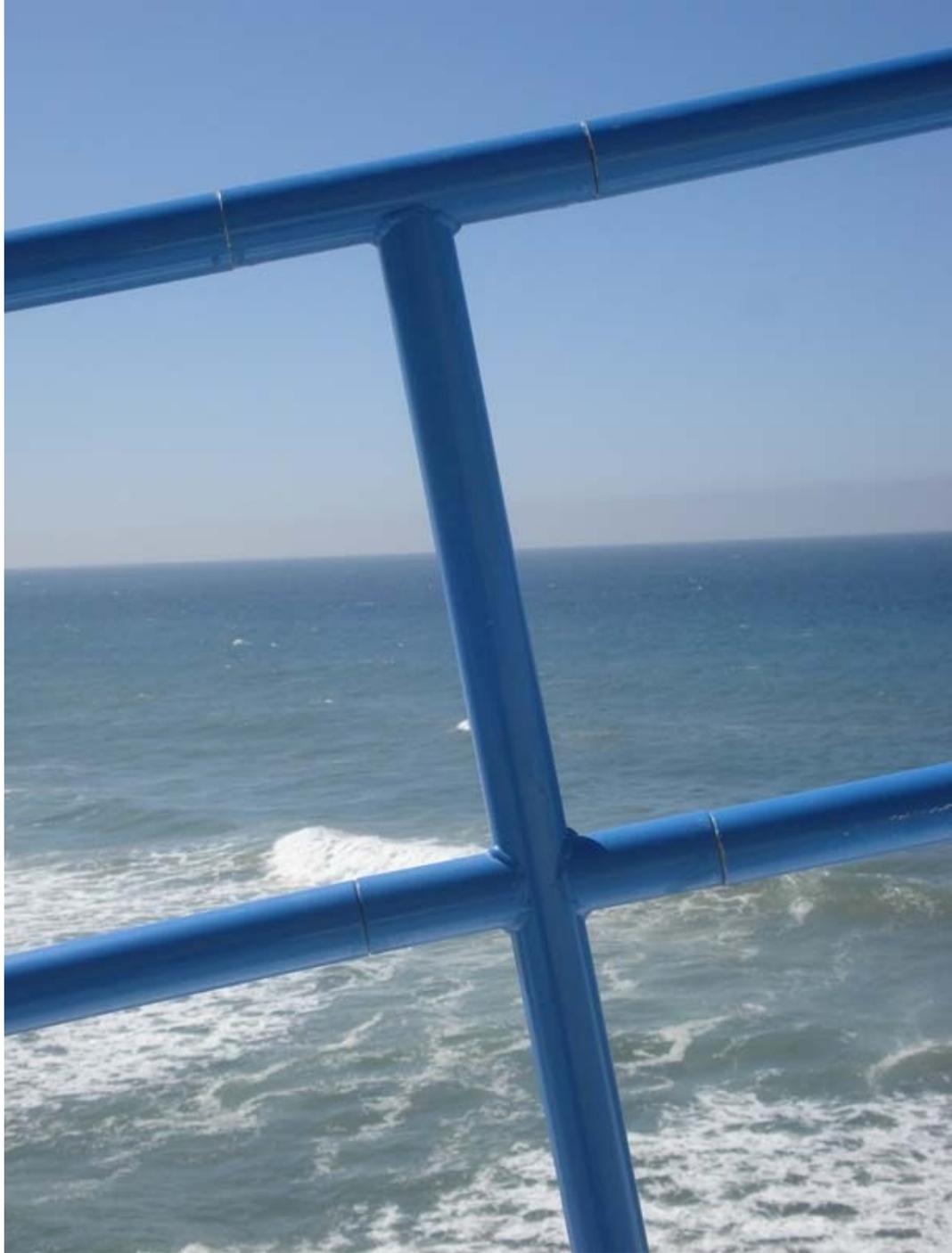
AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?
Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?
Editamos poesia desde 1997 e queremos dar o
passo para além dos limites do papel.
E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

HUMANA TRANSPARÊNCIA





"Se um rato morto me disser, - «eu cheiro mal por isto e por aquilo e sobretudo por que apodreci», - eu nem por isso deixo de o mandar varrer do meu quarto."

*Eça de Queiroz
in Correspondência de Fradique
Mendes*

I

hoje não me apetece nada de especial...
tragam-me só um narval dourado
um casal de unicórnios de patas verdes
meia-dúzia de gnomos
... mas dos carvalhos do bosque branco!
uma sereia ruiva e muda
um político íntegro
umas bolachinhas de ambrósia
e uma tacinha pequena com elixir da
juventude.
ah... e o jornal!
um qualquer serve...
estão todos cheios de notícias boas.

II

agenda

dia 31 de Setembro
sem falta
vou mudar de atitude

III

é urgente que a tecnologia evolua
é urgente que se descubra rapidamente
uma forma de os jornais
a rádio
a televisão
a internet
terem cheiro

...

sempre quero ver quem é que aguenta
as primeiras páginas
os noticiários
os telejornais
os directos da guerra
sem vomitar

...

é urgente o cheiro
para educar a náusea

IV

Já nasci em muitas datas.
Sou tão velha que inventei o tempo.
Fi-lo de pura amnésia e espelhos tortos.

V

cinzento
ele
o fato
a gravata
o ódio
urbano-depressivo e hepático
suicidou-se com uma overdose de ovos
estrelados
num domingo de chuva horizontal



VI

almoço

somos cinco à mesa

quatro humanos
e o caixote de horrores

educadamente
falamos baixo

cumprem-se de cabeça no ar
os rituais da cortesia
pão?
vinho?
água?
já provou a salada?
mais um bocadinho de esparregado?

só o caixote grita

o caixote de horrores despeja-me
do outro lado do prato,
não sei quantas bombas
não sei quantas crianças desaparecidas
não sei quantas violações
não sei quanto sangue podre

tenho nojo
de comer à mesa
com um caixote que vomita.



VII

os cigarros vão-me fumando
um após outro
enquanto entretêm a insónia



VIII

já passaram 3 dias
mas os dedos ainda me cheiram
espantosamente a frango
já esfreguei as mãos com tudo
até com sabonete líquido
- essa execrável nhanha cor-de-rosa
já te disse adeus
literalmente
completamente
e tentei arejar assim as mãos
o coração
o fígado
a alma
mas este cheiro a frango nos dedos
não passa
nunca mais me sento contigo
numa churrasqueira

IX

querido
o meu corpo está no armário
entre a caixa do tédio e as tuas gravatas
se te servires dele não te esqueças de o
desligar
eu fui às compras
até logo

X

no café

duas pretinhas de totós de pompom

brincam com uma Barbie
de totós plásticos e louros

esguias as três

as crianças crescem com monstros nas mãos

XI

vinha bem agora uma manhã inteira
roubada às realidades planetárias
cheiro a café
sumo de três laranjas
o Sol da mesma cor
um leve vento no cabelo
umas sandálias libertárias a caminho da praia
música de soltar o corpo a enrolar-se nas saias
e uma amnésia completa de noticiários
e outras guerras
uma manhã longe dos olhos inquiridores dos
famintos
uma manhã inteira sem feridas
sem nenhuma memória de dor
sem nenhuma dor na memória
uma manhã absoluta
limpa
feita de propósito para espreguiçar

XII

querido
comprei ontem com o teu cartão de crédito
100 metros cúbicos de vazio transparente
deve dar para a sala e para o ^{intenso} nosso quarto
até logo



XIII

as camas deviam ser todas estreitas
de corpo e meio (dizem...)
têm a medida certa enquanto dura a paixão
e depois ficam amplas
sem ficarem vazias demais

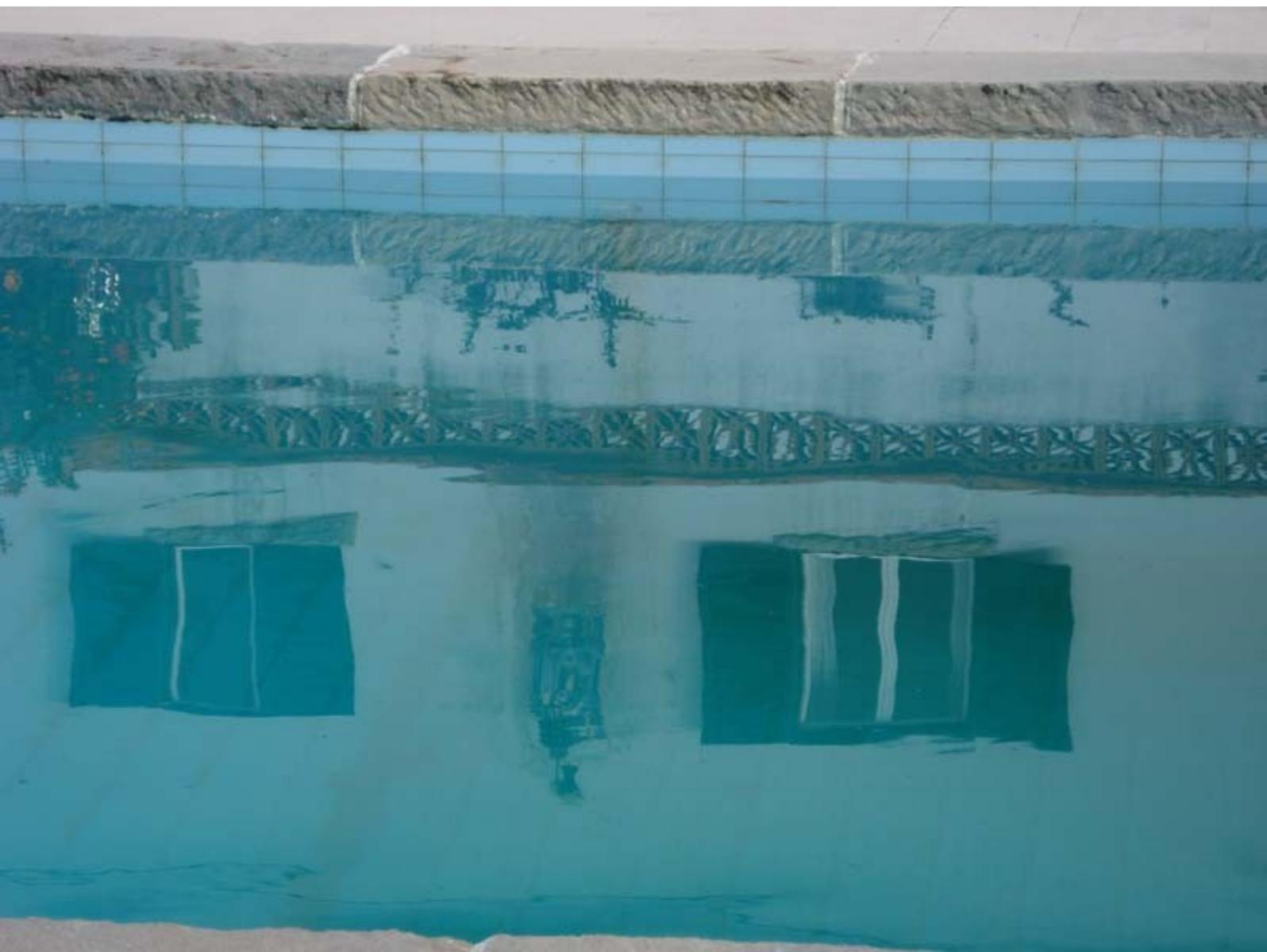
XIV

Pus-nos a lavar hoje
Não estávamos muito sujos
Um bocado amarfanhados.
Nem sequer tivemos tempo
de perder totalmente a goma.
Será que fizemos tudo no ar?

fax

mandem-me 3 caixas de paz de consciência
1 palete de atitudes politicamente correctas
e 2 onças de laissez-faire-laissez-passer

sem IVA!
o Estado já lucra o suficiente com tanta
resignação



XVI

Na cidade dos pensamentos
Em minha casa
Na sala esférica
Pendurei o quadro dos afectos.
Estás lá.
Na cidade dos pensamentos
Chego à janela e vejo-te.
Posso acenar-te
Convidar-te para um chá de canela.
Posso descer as escadas.
Oferecer-te um manjerico,
Ou salsa,
Ou alguma erva imprevista.
Na cidade dos pensamentos
Andamos nas mesmas ruas
E abraçamo-nos ao mesmo tempo
Bebemos copos de água
E café
Em pequenas pastelarias cinzentas.
Almoçamos sardinhas muitas vezes
Ou sórdidas bifanas,
Nas tascas que resistem.
Na cidade dos pensamentos
Nunca se sabe a que hora
Vão tocar os sinos
Ou saltam os cantos das mesquitas.
A que hora entramos nas mesmas lojas
Em busca de coisas miúdas,
De cheiros ou de cores.
Na cidade dos pensamentos
Vou a tua casa
E bebo o teu vinho
E o teu café



Dás-me petiscos e sangrias
Risos novos que inventas na altura
Levas-me à janela.
Há fogo de artifício.

XVII

Esta manhã acordámos
matematicamente separados
Um e um
Não dois
Toda a noite te ouvi respirar
Não sei se dormias
Eu amassava insónias com lágrimas
Silenciosamente
Fique já escrito que eu fico com os
Tupperwares todos
O vazio também é meu
E vou precisar de muitas caixas para o guardar

XVIII

Escrevo longas cartas mentais
Para ninguém
Nenhumas mãos vêm proteger os meus seios

XIX

Como é que sendo tão míope
te tenho tão nítido na memória?

XX

Desastrada!
Tinha logo de partir a minha própria fragilidade!



ÍNDICE

I	6
II	7
III	8
IV	9
V	10
VI	11
VII	12
VIII	14
IX	15
X	16
XI	17
XII	18
XIII	20
XIV	21
XV	22
XVI	24
XVII	26
XVIII	27
XIX	28
XX	29
ÍNDICE	31

Colecção

digit@lmente

Título: **HUMANA TRANSPARÊNCIA**

Autor: **FILIPA AZUL**

Fotografias: **FILIPA AZUL**

Edição Em Formato Livro: **Outubro de 2007**

Edição Em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

Design: **MAIS LIVROS**

© **Autora e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contactos:

Apartado 720
4501-901 Espinho
PORTUGAL

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997